

## DOCUMENTÁRIO “VEGANO PERIFÉRICO”: DISCURSOS POLÍTICOS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

### “VEGANO PERIFÉRICO” DOCUMENTARY: POLITICAL DISCOURSES AND SENSE-BUILDING

Recebido: 23/10/2023 Aprovado: 22/12/2023 Publicado: 31/07/2024

DOI: 10.18817/rlj.v8i2.3225

Tâmara Ramalho da Silva<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0684-379X>

**Resumo:** O veganismo apresenta duas vertentes: o veganismo liberal (também chamado de estratégico) e o veganismo popular. Nosso objeto de estudo está concentrado no veganismo popular e tem como *corpus* o documentário do coletivo “Vegano Periférico”, o qual defende um veganismo acessível e inclusivo. Nesse sentido, analisamos as produções de sentido no discurso político vegano, sob o olhar da teoria da análise de discurso de linha francesa. Por meio da linguagem, pudemos evidenciar posicionamentos ideológicos (de cunho marxista), a partir de conceitos relacionados à alienação, à falta de informação para a população e à relação consumo e produção. Nesse sentido, observamos uma formação discursiva que aponta para a alienação dos sujeitos periféricos e para a falta de acesso à informação, no caso, de como se articula a indústria exploradora de animais. Dessa forma, o documentário produz sentidos em enunciações que abordam a visibilidade e invisibilidade desses sujeitos periféricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** veganismo. discurso político. consumo. poder.

**Abstract:** Veganism has two strands: liberal veganism (also called strategic) and popular veganism. Our object of study is focused on popular veganism and has as its corpus the documentary by the collective “Vegano Periférico”, which defends an accessible and inclusive veganism. In this sense, we analyze the production of meaning in the vegan political discourse, from the perspective of the theory of French discourse analysis. Through language, we were able to show ideological positions (of a Marxist nature), based on concepts related to alienation, lack of information for the population and the relationship between consumption and production. In this sense, we observe a discursive formation that points to the alienation of peripheral subjects and to the lack of access to information, in this case, on how the animal exploitation industry is articulated. In this way, the documentary produces meanings in utterances that address the visibility and invisibility of these peripheral subjects.

**KEYWORDS:** veganism. political speech. consumption. power.

### Introdução

O veganismo apresenta duas vertentes, o veganismo liberal (também chamado de estratégico) e o veganismo popular. Nosso objeto de estudo está concentrado no veganismo popular e tem como *corpus* o documentário do coletivo “Vegano Periférico”, o qual defende um veganismo acessível e inclusivo.

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela UFPI, professora de Língua Portuguesa. E-mail: [tamara.ramalho25@gmail.com](mailto:tamara.ramalho25@gmail.com)

O coletivo nasceu na periferia da cidade de Campinas e está alinhado à perspectiva conceitual de veganismo popular. O coletivo “Vegano Periférico” surgiu a partir da iniciativa dos irmãos, Eduardo Luvizetto e Leonardo Luvizetto, gêmeos moradores do Parque Itajaí, periferia de Campinas, interior de São Paulo. O coletivo atua desconstruindo a ideia de veganismo como movimento de pessoas abastadas e que só é possível com o consumo de produtos industrializados de grandes marcas. Atualmente, em julho de 2022, o perfil “@veganoperiferico”, no *instagram*, conta com mais de 350 mil seguidores.

Pretendemos analisar as produções de sentido no discurso político vegano, sob o olhar da teoria da análise de discurso de linha francesa, a partir de teóricos como Pechêux (1995) e Orlandi (2020), mobilizando os conceitos de discurso, ideologia, formação discursiva e interdiscurso. Dessa forma, abordaremos, sucintamente, os conceitos de consumo, consumismo, coletivo, veganismo popular, veganismo liberal. A partir disso, analisaremos o documentário Vegano Periférico.

## **Conceitos importantes**

### **Consumo, consumismo e coletivo**

O consumo pode ser classificado como uma prática sociocultural que engloba toda a sociedade capitalista. Assim, na cultura do consumo, este é parte das práticas sociais, das construções simbólicas e imaginadas. Nesse contexto de práticas de consumo, os movimentos sociais como o veganismo funcionam como um mecanismo de crítica ao modo que a sociedade capitalista opera.

Nesse sentido, o consumo está diretamente relacionado à cidadania e, portanto, a uma dimensão política. Portilho (2020) estabelece algumas reflexões acerca do ativismo alimentar e o consumo político no âmbito brasileiro. Assim, para a autora, “a definição usual de consumo político relaciona-se à percepção e uso efetivo do consumo (poder de compra no mercado) como forma de pressão política para promover mudanças sociais” (Portilho, 2020, p. 419). Embora o consumo político possa ter como foco os governos, na maior parte das vezes está relacionado à esfera do mercado, que pode ser evidenciado na escolha de marcas, produtos e

produtores baseado em considerações éticas, políticas e ambientais (Portilho, 2020).

O consumo político se manifesta de quatro formas básicas:

1) O boicote, considerado “consumo político negativo”, é a recusa da compra motivada por preocupações políticas, éticas e/ou ambientais. 2) O *buycott*, por sua vez, é uma forma de “consumo político positivo”, por referir-se a compras efetivas como forma de favorecer ou premiar marcas, produtos, produtores e/ou varejistas por seus compromissos políticos, éticos e/ou ambientais. 3) As ações discursivas ou comunicativas, que envolvem protestos, críticas e manifestações públicas (incluindo “falar bem” ou “falar mal”) pelas mesmas razões. 4) A última forma de consumo político são as chamadas políticas de estilos de vida, que envolvem mudanças mais profundas em práticas cotidianas e tendem a incluir às três anteriores. Além disso, as ações de consumo político variam das formas mais confrontacionais às mais cooperativas. Se boicotes e ações discursivas são considerados mais confrontacionais, os *buycotts* dependem de estratégias cooperativas com produtores e com esquemas de regulação e rotulagem, muitas vezes comandados por governos. As políticas de estilos de vida conjugariam as duas formas, envolvendo revisões de práticas da vida diária, que podem se desenvolver em compromissos profundos e mudanças radicais, como no caso do veganismo (Boström; Micheletti; Oosterveer, 2019 *apud* Portilho, 2020, p. 420).

Em sua pesquisa, Portilho (2020) argumenta que o ativismo alimentar pode ser dividido em duas gerações. A primeira geração teria como principal característica o foco das ações na esfera do Estado, além das ações assistencialistas e filantrópicas. Os principais representantes dessa geração de ativismo alimentar foram os ativistas da área da saúde, os economistas, os cientistas políticos e as organizações assistencialistas. Importante ressaltar que, segundo Portilho (2020), discussões relacionadas ao consumo e ao consumidor não tinham espaço nesta geração. No cenário brasileiro, a primeira geração teve como ponto de partida algumas iniciativas por volta de 1940, com destaque à figura de Josué Castro e suas reflexões, “mostrando que a fome e a pobreza são uma questão política, e não apenas de saúde pública ou de assistência social” (Portilho, 2020, p. 414). Tais iniciativas inspiraram movimentos sociais e políticos que em meio a avanços e retrocessos lutaram pela construção e implementação de políticas públicas para o combate à pobreza e à fome, como por exemplo, os restaurantes populares, o salário mínimo e a alimentação escolar.

A segunda geração, por sua vez, surge com a preocupação de olhar para o papel desempenhado pelos consumidores no mercado e da necessidade de conhecer a origem dos alimentos. A nova geração rompe a esfera institucional e atinge os movimentos e a esfera privada. Podemos destacar como temáticas

principais: questões ambientais e climáticas; questões da sociobiodiversidade e questões relacionadas ao uso de agrotóxicos e produção de transgênicos (Portilho, 2020). Além disso, na segunda geração há uma centralidade na comida em relação à alimentação, o que pode ser evidenciado no Guia Alimentar para a população Brasileira, publicado em 2006, pelo Ministério da Saúde. O guia alimentar tem sido reconhecido como um avanço nas discussões sobre nutrição, uma vez que valoriza não só o valor nutricional dos alimentos, mas a comida e a comensalidade, expressando críticas aos alimentos processados e ultraprocessados.

De acordo com Portilho (2020), estaríamos vivendo na segunda geração desse ativismo. Entretanto, é preciso destacar que, frente ao atual cenário político, o Brasil regrediu e voltou a figurar no mapa da fome e da miséria. Esse cenário aumentou o papel desempenhado por esses atores sociais, destacados e divididos pela autora em grupos:

(1) os ativistas sociais e ambientais em torno da agroecologia e outras formas de produção alternativa e sustentável; (2) o consumidor e suas organizações (defesa dos direitos do consumidor, cooperativas e grupos de compras), (3) os chefs de cozinha e (4) os movimentos sociais do campo (Portilho, 2020, p. 417).

Acrescentamos, também, como importantes atores, os coletivos, que são organizados por jovens e que articulam, por meio das redes sociais, debates, manifestações, entre outras formas. Além disso, unem-se a outros movimentos sociais que defendem interesses em comum, como a agroecologia, hortas comunitárias e a reforma agrária. Como exemplo, temos o coletivo Vegano Periférico. A seguir, abordaremos, de forma sucinta, duas vertentes do movimento vegano.

### **Vertentes do movimento vegano: liberal e popular**

O veganismo liberal é a vertente que defende a expansão do mercado “vegano” das multinacionais. Nas palavras de Souza (2019, n.p), é uma corrente que “se diz ‘vegana’ e defende, por meio de métodos ‘pragmáticos’ e ‘eficazes’, mudanças a curto ou médio prazo ‘em prol dos animais’ dentro de uma realidade capitalista e especista”. Para os veganos liberais, o veganismo seria apenas uma

prática alimentar, considerando como vegano qualquer alimento que não seja de origem animal, mesmo que o produto seja produzido por uma empresa que testa em animais ou patrocina eventos que explorem animais. Além disso, os veganos liberais defendem a ideia de que o crescimento do “mercado vegano” (grandes corporações) seria mais eficaz na diminuição da exploração animal do que uma mobilização política antiespecista. Aliado a essa visão, há uma ideia do veganismo como fonte de negócio e geração de lucros.

O veganismo popular nasce como oposição ao veganismo liberal e constrói um espaço de resistência. O veganismo popular passou a ser conhecido há pouco tempo, mas sua inspiração vem de movimentos sociais e políticos antigos, como o anarquismo e o marxismo, por exemplo. A vertente amadurece e fortalece o posicionamento ético *antiespecista*, unindo-o ao anticapitalismo e a emancipação de todos os povos e das minorias contra a opressão das classes socialmente dominantes. Para o veganismo popular é crucial o entendimento de que sem o combate ao capitalismo e as demais opressões, a luta antiespecista tende a não alcançar grandes progressos em direção a um futuro livre de exploração. Assim, a libertação de animais humanos e não humanos caminham lado a lado.

O veganismo popular pode ser caracterizado por ser libertacionista, anticapitalista e anticonsumista. Uma vez que entende que é impossível abolir o especismo e continuar em um sistema capitalista que objetiva a exploração de muitos para o benefício de poucos. Além disso, é popular, visto que defende um movimento que abraça todas as classes sociais, leva informação e politiza a população para lutar contra o especismo e o capitalismo. Ser popular também implica em ser interseccional, abraça as minorias e fortalece a luta política que elas empreendem, tem consciência de que não faz sentido lutar contra o especismo e não lutar contra o racismo, machismo, capacitismo, LGBTQIAP+fobia, entre tantas outras formas de exploração.

Como apontamos, veganos liberais e populares partem de propósitos semelhantes, mas com diferentes ideologias e produzem discursos diferentes. Tais discursos produzem sentidos diferentes e geram dissensos. Veganos populares divergem de veganos liberais no discurso político, pois o veganismo popular estabelece críticas à lógica de mercado neoliberal, à publicidade e ao *vegan washing*, diretamente ligados à produção de ultraprocessados inacessíveis a maior parte da população. Além disso, preocupam-se com a libertação humana, com as

condições de trabalho de funcionários nos frigoríficos, nas redes de *fast foods*, entre tantos outros locais de exploração de animais humanos e não humanos. Enquanto os veganos liberais enxergam na lógica de mercado uma oportunidade de lucro e atendimento de suas demandas de consumo por meio de alimentos ultraprocessados.

A seguir, discutiremos alguns aspectos do documentário elaborado pelo coletivo Vegano Periférico a partir de pressupostos da análise de discurso.

### **Uma breve discussão da teoria discursiva**

A análise de discurso (doravante AD) emergiu na década de 1960, conciliando os aportes teóricos das seguintes áreas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Como o próprio nome indica, a AD tem o discurso como o seu objeto de estudo. Mas o que seria o discurso? Etimologicamente, ele diz respeito à palavra em movimento (Orlandi, 2020). E é partindo dessa noção, que a análise de discurso estuda o homem usando a língua, diferentemente da linguística formalista que analisa a língua por ela mesma, abstraindo o extralinguístico. Para os estudiosos da AD, é impossível estudar a linguagem se esta estiver destituída de sua exterioridade. Nesse sentido, o discurso configura-se como um objeto sócio-histórico no qual o linguístico está pressuposto (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2020).

O discurso não é uma simples mensagem a ser codificada pelo emissor e decodificada pelo destinatário, tampouco é o que Saussure chama de fala ao opor a língua na conhecida dicotomia língua/fala. O discurso diz respeito a uma mediação entre o homem e a realidade natural e social. Através do discurso o homem é capaz de se transformar e alterar a realidade na qual está inserido (Orlandi, 2020). Os estudos discursivos, portanto, buscam analisar o sentido imerso nas práticas do homem, levando em conta o tempo e o espaço.

No que se refere à ideologia, Pêcheux (1995) afirma que ela é materializada através do discurso, estabelecendo uma relação entre língua, discurso e ideologia, por meio da qual o discurso não existe sem o sujeito e este, por sua vez, não existe sem a ideologia. Tudo o que dizemos é marcado pela ideologia. Ela interpela o indivíduo em sujeito e configura-se como uma condição para o estabelecimento dos sentidos (Pêcheux, 1995).

No processo de interpelação do indivíduo em sujeito, ocorre um apagamento da língua na história, criando no indivíduo a ilusão de que ele é a origem do que diz (Orlandi, 2020). Apesar desse apagamento, é importante ressaltar que a língua precisa estar inscrita na história para fazer sentido e o que garante isso é a ideologia. Levando isso em consideração, percebemos que o discurso e a ideologia desempenham um papel crucial na construção dos sentidos. As questões relacionadas ao sentido são fundamentais para o estudo da Análise de Discurso.

Para tanto, Pêcheux e Fuchs afirmam que:

É impossível identificar ideologia e discurso [...], mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 166).

A partir disso, podemos perceber que, no discurso, a ideologia se revela por meio de sua materialidade ideológica, que por sua vez se materializa na forma de formações discursivas, em que, de acordo com Pêcheux (1995), o sujeito do discurso se inscreve por meio da “forma-sujeito” a partir das posições e das condições de produção dadas. Desse modo, o interdiscurso aparece como “o puro ‘já-dito’ do intra-discurso, no qual ele se articula por ‘co-referência” (Pêcheux, 1995, p. 167)

Assim, de acordo com Pêcheux (1995), compreendemos que o lugar do sujeito é ocupado pela forma-sujeito característica de uma formação discursiva específica. É por meio dessa forma-sujeito que um indivíduo se inscreve em uma formação discursiva, identificando-se e estabelecendo-se como sujeito. Sob essa perspectiva, entendemos que a formação discursiva é o elemento que, em uma determinada formação ideológica, define o que pode e deve ser dito.

Dessa forma, as palavras adquirem seu significado da formação discursiva na qual são concebidas, pois, como afirma Pêcheux (1995) "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes" (p. 161, grifos do autor). Em outras palavras, o processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos ocorre por meio das formações ideológicas,

proporcionando a cada sujeito a sua realidade enquanto sistema de evidências e significações que são percebidas, aceitas e experimentadas (Pêcheux, 1995).

A AD busca compreender como os sentidos são produzidos através dos objetos simbólicos (textos, enunciados, músicas, desenhos) (Orlandi, 2020). Esse processo de compreensão vai além da mera interpretação do sentido baseada no co-texto e no contexto imediato. O analista não quer chegar no sentido “preso” obtido através desse tipo de interpretação. Ele busca evidenciar outros sentidos possíveis por meio da explicitação dos processos de significação que compõem determinado objeto simbólico.

Os sentidos são extraídos através da relação entre os eixos da memória (o já-dito, ou seja, aquilo que é evocado quando algo é dito, constituindo a base do dizível) e da atualidade (a formulação, ou seja, aquilo que está se dizendo num dado momento em certas condições) (Orlandi, 2020). Levando isso em consideração, notamos que o sentido não existe em si. Ele é determinado pela ideologia inserida no processo sócio-histórico a partir do qual a língua é usada.

Tendo discutido os conceitos de discurso e ideologia associados à construção do sentido, realizaremos, a seguir, uma análise discursiva do Documentário Vegano Periférico, observando os aspectos relacionados: às condições de produção, ao interdiscurso, às relações de força e aos esquecimentos.

### **Análise do Documentário Vegano Periférico**

O documentário Vegano Periférico foi lançado em novembro de 2020, mais precisamente no dia primeiro, data em que se comemora o dia mundial do veganismo. O lançamento aconteceu no canal Mídia Ninja, no Youtube, com duração de 46 minutos. Após o lançamento, o documentário foi adicionado em outras plataformas, como no site do coletivo, bem como divulgado nas redes sociais, principais canais de interação com o público. O trabalho dos irmãos com a produção do documentário representou um importante material para o movimento vegano, gerando visibilidade nas redes sociais e em revistas, como TRIP (Brasil) e na mídia internacional WTLF — *Where the Leaves Fall Magazine* (Inglaterra).

Sobre o gênero documentário, Penafria (1999, p. 7) faz a seguinte reflexão:

A partir do momento em que se decide fazer um documentário, isso constitui já uma intervenção na realidade. É pelo fato de selecionar e exercer o seu ponto de vista sobre um determinado assunto que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, o mais das vezes, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos, mas que nunca vimos.

O documentário, enquanto objeto artístico, torna-se materialidade e por consequência um registro de memória, inserindo-se numa rede de sentidos e significados. O lançamento no dia mundial do veganismo produz um efeito simbólico permeado pela história e historicidade, ao se inscrever no momento histórico (Orlandi, 2017, p. 59).

o documentário busca a memória (dos sujeitos) que, ao mostrar/ dizer/ significar/ ele põe na história. Ele faz 'acontecer' uma versão (trabalho do efeito metafórico, deriva). O documentário é um acontecimento discursivo que faz com que algo apareça como acontecimento. Ele constrói o acontecimento de que se fala. E o que fala é um efeito de presentificação (atualidade) produzido, como disse, pelo jogo do interdiscurso (memória discursiva) e a memória institucional (a de arquivo) postas em contradição. E, por este mesmo gesto, ele produz um passado.

O documentário inicia com os irmãos lendo um livro didático, aparentemente do ensino médio (Fig. 1). Na leitura, os irmãos abordam um texto de Marx, que trata do sistema capitalista e como ele é instrumento de exploração. Um possível sentido atribuído seria de contextualizar o veganismo como um movimento político, que envolve a luta de classes.

Karl Marx. Para Marx o trabalho que enfrentamos todos os dias têm como objetivo gerar lucro ao capitalista. Toda a produção é organizada com base nesse objetivo. Porém, os trabalhadores ficam apenas com uma parte da produção, a outra parte é exatamente o lucro. Você já se perguntou o porquê desse tipo de produção? Quais são os mecanismos de organização do trabalho para que a produção seja sempre maior? Como o empregador controla o trabalho dos empregados? Já pensou na forma como os trabalhadores produzem e no que eles produzem? Reflita sobre alguns aspectos da organização do seu trabalho ou do trabalho de pessoas de sua família.

#### **SEQUÊNCIA DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO “Vegano Periférico” (01)**

O conceito abordado no documentário é justamente o de alienação, o qual aponta para a questão de que o objeto produzido pelo trabalhador aparece como algo estranho e independente daquele que o produziu. Porque, como sabemos, o

sistema capitalista é estruturado de forma que o trabalhador não tenha acesso àquilo que ele produz, transformando o trabalhador e o seu trabalho em apenas mercadorias. Sobre o conceito de alienação, Orlandi (2017, p. 216) pontua que:

Ao criar algo fora de si, o sujeito se nega no objeto criado. A alienação no trabalho é gerada na sociedade devido à mercadoria. Há ruptura do indivíduo com seu próprio destino. O capitalismo é uma relação social estabelecida historicamente, caracterizada pela compra e venda da força de trabalho.

**Figura 1 - Imagens abertura documentário Vegano Periférico**



Fonte: Documentário Vegano Periférico (2020).

O maior problema do veganismo é que as pessoas estão olhando pra sociedade de uma forma industrializada... Na hora de desconstruir, ela não consegue olhar pro veganismo sem imaginar o produto industrializado vegano, de modo que os produtos industrializados veganos sejam caros, e as façam concluir que veganismo é caro.

**SEQUÊNCIA DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO “Vegano Periférico” (02)**

Veganismo, veganismo mesmo, é um ato político anti-exploração; um ato político antiespecismo... Antes de qualquer coisa, ele é um posicionamento político, mesmo. Não tem a ver só com alimentação, dieta, etc. Veganismo tem a ver com exploração animal. Quando você olha pra exploração animal, você vê que é o capitalismo que trata os animais como objetos. Ensinam a população que é assim que funciona e sempre foi assim, e nós nos opomos a isso. Vai muito do jogo político não olhar pra produção orgânica, pra agricultura familiar... Porque não dá tanto lucro. Tal como não dá tanto lucro se preocupar com o planeta, com a floresta, com o que você tá plantando...

**SEQUÊNCIA DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO “Vegano Periférico” (03)**

Nas sequências discursivas acima (02 e 03), podemos observar uma disputa e construção de uma relação de sentidos sobre o veganismo. Ao falar que as pessoas estão olhando para o veganismo e para a sociedade de forma industrializada, os irmãos estão descrevendo uma vertente do movimento vegano, o veganismo liberal. Para estabelecer um sentido político no movimento em oposição ao veganismo liberal, os irmãos descrevem o movimento político, reforçando pontos importantes que são defendidos pelo veganismo popular. Assim, podemos dizer que o político se estabelece na formação discursiva produzida pelo coletivo Vegano Periférico, que indiretamente coloca a responsabilidade nos veganos liberais por difundirem uma perspectiva do veganismo para pessoas privilegiadas.

Analisando as sequências acima e tratando das formações discursivas, que para Orlandi (2012, p. 43), “representam no discurso as formações ideológicas”, podemos dizer que: é pela referência à formação discursiva que estabelecemos sentidos. Assim, palavras iguais podem ter sentidos diferentes, pois dependem da formação discursiva na qual se inserem. No documentário, podemos estabelecer sentidos diferentes do “ser vegano” para a corrente liberal e para a corrente popular. Veganismo, então, aparece com significados distintos, uma vez que se inscreve em formações discursivas diferentes. Além disso, observamos que no documentário aparece nitidamente essa tensão entre os sentidos, com os irmãos sempre estabelecendo o que eles acreditam ser o movimento vegano.

No decorrer do documentário, a comida (Fig. 2) ganha destaque, aparecendo muitos alimentos *in natura*. Mostram como são adquiridos esses alimentos em feiras e hortas comunitárias, bem como as pessoas que fazem a horta funcionar. Os irmãos também aparecem preparando a comida, sempre relacionando-a com a saúde e a economia. O foco do documentário não é apresentar como preparar receitas, mas demonstrar que o veganismo deve ser acessível a todos, sem necessidade de ultraprocessados produzidos pelas grandes corporações. Além disso, reforçam que o ato de comer é político.

**Figura 2 - Comidas**



Fonte: Documentário Vegano Periférico (2020).

O coletivo Vegano Periférico participa de outras ações políticas na comunidade que estão diretamente relacionadas ao movimento vegano. No documentário podemos acompanhar o trabalho dos irmãos no centro comunitário “Maloca” (Fig. 3), espaço que tem por objetivo acolher e produzir conhecimento na e com a comunidade, propiciando cursos, oficinas, *lives* sobre libertação animal, alimentação saudável, diversidade e inclusão social. Além disso, fornecem alimentação vegetal para os participantes das atividades.

**Figura 3 - Maloca**



Fonte: Documentário Vegano Periférico (2020).

Ainda no âmbito da participação política do coletivo, o documentário aborda um pouco o funcionamento das hortas comunitárias (Fig. 4) e da falta de investimentos por parte do Estado. Para melhor evidenciar, os irmãos vão até a horta e convidam pessoas que a constroem e tem propriedade para falar sobre as políticas públicas no contexto da produção nas hortas comunitárias. Para fomentar tal discussão, são convidados um nutricionista (ex-pesquisador do EMBRAPA), uma agricultora e um agricultor. Orlando Batista (nutricionista) desempenha um papel fundamental na horta, trazendo seus conhecimentos como pesquisador e aplicando na produção e coloca que as políticas do governo atual não levam em conta a organização social. No depoimento da agricultora Rosana, aparecem críticas ao governo de Bolsonaro e à falta de investimentos na agricultura familiar e comunitária. No mesmo caminho, o agricultor João Novais relata desvios de verbas que deveriam ser investidas nas hortas comunitárias.

Por meio do interdiscurso, os depoimentos revelam uma rede de sentidos e significados, pois fazem um resgate de discursos já ditos anteriormente. Quando os convidados estabelecem críticas ao governo Bolsonaro, há um resgate de textos de outros governos anteriores, da corrupção, do descaso com as políticas públicas, entre outros. A observação do interdiscurso, de acordo com Orlandi (2020), possibilita remeter o dizer a uma filiação de dizeres, a toda uma memória. Os discursos ganham significados a partir do momento histórico, de forma que os discursos dos participantes do documentário produzem novos sentidos no discurso da alimentação, da agricultura, da saúde, do consumo e do meio ambiente.

Além disso, os irmãos destacam a importância do MST na produção de orgânicos e no apoio às comunidades. Comentam também que o MST é descrito no círculo político brasileiro como “organização criminosa”. Os irmãos buscam desconstruir o sentido atribuído pelos políticos ruralistas, que não apoiam a luta por terras. Nesse sentido, podemos perceber como a palavra MST ganha diferentes sentidos a partir das diferentes formações discursivas, quando vinculada aos ruralistas, são vistas como bandidos, enquanto para um agricultor sem-terra ganha outros sentidos, como de um movimento que busca a valorização da agricultura familiar e comunitária.

**Figura 4 - Horta comunitária**



Fonte: Documentário Vegano Periférico (2020).

Os irmãos voltam a tratar do sistema capitalista neoliberal quando abordam o descaso com a alimentação e com o meio ambiente. Descaso marcante no atual governo Bolsonaro, o governo com maior índice de aprovação de uso de agrotóxicos. Essa crítica ao capitalismo aparece na seguinte fala do documentário: “Vai muito do jogo político não olhar pra produção orgânica, pra agricultura familiar... Porque não dá tanto lucro. Tal como não dá tanto lucro se preocupar com o planeta, com a floresta, com o que você tá plantando...”, tratando novamente dos sentidos, podemos perceber que palavras como lucro e floresta têm significados diferentes. A floresta, por exemplo, para os indígenas não é a mesma floresta para os políticos ruralistas. Visto que para o primeiro grupo agrega o sentido de subsistência e para o segundo remete ao lucro e à produtividade.

**Figura 5 - Santuário e Bosque**



Fonte: Documentário Vegano Periférico (2020).

O coletivo Vegano Periférico tem como principal objetivo lutar pela libertação de animais, por condições melhores de tratamento e pelo resgate de animais em situações vulneráveis, que sofrem maus tratos ou são utilizados em pesquisas ou para entretenimento. Isso é retratado em um documentário, que apresenta dois casos em que o coletivo participou ativamente da libertação de animais (Fig. 5). No primeiro caso, animais mantidos no Bosque dos Jequitibás, em Campinas, estavam

em condições precárias, abandonados e mal acondicionados, devido à desapropriação do parque para a construção de um empreendimento imobiliário. Ativistas se mobilizaram para fechar o zoológico e transferir os animais para um local mais adequado. O segundo caso mostra o tombamento de uma carreta que transportava porcos no Rodoanel de São Paulo, ferindo muitos animais. O resgate dos animais foi difícil, mas eles foram transferidos para o Santuário Terra dos Bichos, onde receberam tratamento adequado.

Os exemplos de ativismo apresentados no documentário revelam discursos políticos envolvendo a sociedade e o poder público. Além disso, consideramos que as formações discursivas contribuem para a construção de sentidos políticos para o movimento do veganismo popular. Nesse sentido, podemos evidenciar a preocupação em levar o movimento e as discussões até a população, ilustrada na seguinte fala: “...não é só para poder desativar o zoo e transferir os animais, é para conscientizar a população também, para que enxergue com outros olhos” (Vegano Periférico, 2020).

Se você ligar a TV agora, você vai ver toda hora na sua cara: consuma carne, consuma leite, consuma ovos, consuma isso, consuma aquilo. Se você desligar a TV e pegar um jornal, vai tá no jornal: “promoção de carne, filé, churrascaria”; você desliga e pega o celular, vai tá publicidade lá: ‘melhor churrascaria de Campinas’. Aí você vai pra rua e pega o busão: atrás do busão tem o quê? McDonald’s, Burger King... Tá jogando na sua cara toda hora: carne, leite, ovos, mel, consuma mais queijo, mais queijo... Em todo lugar se fala em carne, leite e ovos. E ninguém fala nada... Aí quando o vegano questiona essa indústria, que é massacrante e que fala 10.000 vezes mais do que um vegano fala, que toda hora tá colocando na tua cara em todos os veículos de mídia, o cara é tratado como chato. Por quê? Porque tá questionando o modelo social. Quando você questiona, você se torna chato. Não por você ser chato, mas porque as pessoas não querem pensar sobre isso, elas não querem pensar sobre o que elas tão fazendo. Aí elas criticam e te julgam.

#### **SEQUÊNCIA DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO “Vegano Periférico” (04)**

Na sequência discursiva acima (04), dialogando com o que já foi tratado, notamos que há uma crítica às grandes empresas que exploram animais para a comercialização de carne. Além de críticas aos discursos publicitários que são patrocinados pelas grandes corporações. Na questão de relações de força, quando os discursos publicitários expressam algo, estes estão ocupando a posição de poder e são apoiadas por grandes empresas e políticos. Nesse sentido, estes têm os meios de comunicação a seu favor e fazem uso disso para difundir informações que são, de certa forma, filtradas por eles para atingir determinado público.

Porque a publicidade não abre um matadouro e fala: ‘população, vocês querem consumir isso? É isso que vocês gostam? Então vejam o que vocês tão consumindo.’ Esse é o ponto mais crítico, né, de as pessoas não entenderem o que elas tão consumindo...

#### **SEQUÊNCIA DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO “Vegano Periférico” (05)**

Na sequência discursiva (05), podemos observar uma crítica mais incisiva ao discurso publicitário. Ao ampliarmos nossas reflexões, notamos o conflito estabelecido entre o discurso publicitário, especialmente dos textos produzidos por empresas que comercializam produtos de origem animal e, agora inseridas no mercado de proteína vegetal e o discurso do movimento vegano. Nesse sentido, o discurso publicitário contrasta com os discursos do veganismo popular. Sobre a publicidade e o seu poder, Orlandi (2017) destaca:

nas condições de significação, o alcance da publicidade que também funciona pela quantidade e concentração: repetidamente se encontram no espaço urbano mensagens que cobrem todo o espaço visível, espaço desde então transmutado em espaço lisível. Faz parte destas condições o fato de que os dizeres transborda, da publicidade para a rua, daí para o próprio sujeito que toma a si o gesto da autoria e passa ele mesmo a textualizar toda a superfície do espaço em que vive, o espaço urbano. (Orlandi, 2017, p.195)

Só isso que a gente tenta fazer até hoje: mostrar que é possível você ser trabalhador, você pegar ônibus, você viver na periferia ou viver em outro lugar, mesmo sendo muito pobre, ser um funcionário e ser vegano. É possível. A gente só quer mostrar que é possível. Só isso...

#### **SEQUÊNCIA DISCURSIVA DO DOCUMENTÁRIO “Vegano Periférico” (06)**

Na última sequência discursiva (06) analisada e que também marca o encerramento do documentário o ponto central é a dificuldade de escapar das lógicas capitalistas. Na sequência, o discurso construído é de resistência. O veganismo popular é construído enquanto movimento libertador, como um ato político. O discurso reflete as subjetividades produzidas pelo capitalismo e pelo sistema neoliberal. Quando colocam “mesmo sendo muito pobre”, produzem sentidos de impossibilidade de sair dessa condição imposta pela falta de políticas públicas e pelas regras de segregação capitalistas. A frase “ser um funcionário”

ênfatiza a condição de trabalho e de como as pessoas se tornam mercadorias no sistema capitalista, retomando, de certo modo, o pensamento de Marx (introduzido no início do documentário). Nesse sentido, palavras como “trabalhador” e “funcionário” acionam uma rede de significados a partir das diferentes formações discursivas. Para o pobre, ser trabalhador está relacionado à honestidade e à cidadania. Para a elite e para a classe média, trabalhador significa uma peça para a produção de bens e um sujeito que gera custos para o sistema produtivo.

### **Consideraoes finais**

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo lançar um olhar para o documentário do coletivo Vegano Periférico, que luta contra a exploração animal e defende um veganismo popular, sobretudo nas comunidades periféricas. A partir das análises, procuramos identificar os sentidos produzidos no documentário. Através da linguagem, pudemos evidenciar posicionamentos ideológicos (de cunho marxista), a partir de conceitos relacionados à alienao, à falta de informao para a populao e da relao consumo e produção. Evidenciamos também uma formação discursiva que aponta para a alienao dos sujeitos periféricos e para a falta de acesso à informao, no caso, de como se articula a indústria exploradora de animais.

Além disso, o documentário também produz sentidos em enunciaoes que abordam a visibilidade e invisibilidade desses sujeitos periféricos. Nesse contexto, aparecem os problemas decorrentes da falta de investimentos e políticas públicas que atendam aos interesses desses sujeitos, que são submetidos à violência, ao tráfico de drogas, entre tantas outras formas de opressão. Tais violências são mantidas e perpetuadas pelo aparelho do Estado que coloca esses sujeitos à margem, proporcionando uma separao da populao pobre e periférica. A partir de uma tentativa de quebra desse sistema, por parte desses sujeitos do coletivo Vegano Periférico, notamos uma busca de visibilidade para as pessoas que são silenciadas na periferia. Por meio dos discursos, o coletivo busca mudar o imaginário simbólico, principalmente dos sujeitos periféricos, com relao ao simbólico construído do veganismo. Ou seja, buscando mudar a ideia de que o veganismo é uma dieta alimentar voltada para pessoas ricas. Os irmoes, a partir do engajamento

político, buscam demonstrar um veganismo popular, como movimento político, possível para todos os contextos.

## Referências

Orlandi, E. P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

Orlandi, E. P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

Pêcheux, M.; Fuchs, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*: tradutores Bethania S. Mariani... [et al.] 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

Pêcheux, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

Penafria, Manuela. *O filme documentário: história, identidade, tecnologia*. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.

Portilho, F. Ativismo alimentar e consumo político – Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. *Redes* (St. Cruz Sul, Online), Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 411-432, maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v25i2.15088>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Souza, Robson Fernando de. *Veganismo popular: conheça a vertente vegana que amadurece a luta pela libertação animal*. 2019. Disponível em: <https://veganagente.com.br/veganismo-popular-politico/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Vegano Periférico. *Documentário completo*. Direção de Rauany Nunes Farias. Produção de Rauany Nunes Farias. Roteiro: Bruno Adorno e Rauany Nunes Farias. 2020. (46 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kr98MSULN9g&t=2276s>. Acesso em: 20 jul. 2022.